

SUMÁRIO

Apresentação Reportagem em pauta e repórteres em tela

13

Introdução

17

O repórter, telejornalista de si - **21**

Questões metodológicas - **35**

Dos programas selecionados - **60**

Capítulo 1

O repórter de TV e a aventura na reportagem

67

Uma discussão histórica - **70**

Glória Maria, um ícone
das passagens participativas - **72**

O repórter televisivo:
histórico e influências - **75**

Primeiras impressões sobre
o repórter televisivo - **81**

Capítulo 3

“Vem Comigo”: o jeito repórter de Goular de Andrade

219

O repórter das ruas que deu
voz aos esquecidos da madrugada - **222**

Goulart ganha um programa
para chamar de “seu” - **230**

De repórter da madrugada
para um artista do jornalismo - **243**

Capítulo 2

Os pioneiros nos programas de Gde. Reportagem

95

O Brasil desconhecido
de Amaral Netto, o repórter - **97**

A trajetória de Amaral Netto na Rede Globo - 101

Por dentro do programa - 106

*O repórter Amaral Netto
à luz do narrador de Walter Benjamin - 117*

A televisão descobre o cinema documentário - 122

*Documentário X grande reportagem:
fronteiras híbridas - 126*

Cinema e televisão, diálogos possíveis:
o programa Globo-Shell Especial - **132**

O modo de narrar do Globo-Shell Especial - 139

Globo Repórter: um marco
no telejornalismo de grande reportagem - **152**

*Globo Repórter: a escola
de telejornalismo da Rede Globo - 157*

O documentário a partir de uma fotografia - 160

*Eduardo Coutinho: um mestre
na arte de ouvir o outro na televisão - 167*

*Ouricuri, a pobreza
do Nordeste no horário nobre da Globo - 169*

*Theodorico: quando a personagem
assume o protagonismo na televisão - 176*

*O “cinema de intervenção”
de João Batista de Andrade - 182*

“Caso Norte”: a engenhosa
mistura entre documentário e encenação - **189**

“Wilsinho Galileia”:
a vida de um delinquente infrator - **195**

Saem os diretores, entram os repórteres - **204**

Reflexões sobre o lugar
do repórter na grande reportagem - **213**

Capítulo 4

Documento Especial: “o preto, o pobre e o favelado” na televisão verdade

257

O processo de criação de Documento Especial • 265

O modo de endereçamento em Documento Especial • 269

Documento Especial ganha a concorrência da Rede Globo • 278

Início de uma nova era para o telejornalismo de grande formato • 297

Capítulo 7

Os caminhos e parcerias de uma repórter andarilho

399

Texto e imagem: o apurado olhar de uma repórter às margens • 406

Capítulo 5

O repórter e a grande reportagem no agitado anos 1990

305

Ernesto Varela e a grande reportagem: o experimental na TV • 308

O repórter como performer da grande reportagem televisiva • 318

O “mundo cão” com pitadas de telejornalismo • 322

O repórter como personagem principal de suas reportagens • 356

Capítulo 8

Profissão Repórter: os bastidores da notícia e os desafios da reportagem

423

A composição do projeto • 437

Capítulo 6

O dramático e o performático em Linha Direta

371

As matrizes históricas de Linha Direta: a entrevista com o Maníaco do Parque • 377

Os discursos encharcados de sentidos em Linha Direta • 385

A evolução de Linha Direta e a concorrência • 389

Capítulo 9

O jornalismo televisivo na virada do século XXI: velhos conceitos, novas possibilidades

459

Novos contornos para o jornalismo de televisão • 464

Record TV: o jornalismo em busca de audiência • 480

Capítulo 10

Conexão Repórter e o jornalismo de performance de Roberto Cabrini

491

A estética e a proposta narrativa em Conexão Repórter • 495

Detalhes dos segredos da sacristia • 498

Capítulo 13

As reportagens com tons documentais ganham a televisão

557

A estratégia documental como caminho para o streaming • 563

O telejornalismo em tempos de pandemia • 569

Capítulo 11

A linguagem do Reality ganha a Grande Reportagem de TV

513

O jornalista que invade universos alheios • 527

Considerações finais: uma reflexão para os próximos tempos

577

Capítulo 12

Um repórter de presença: a escritura Gaberiana

537

Tempos distantes, tempos presentes • 539

Gabeira: um repórter de narrativa substantiva • 543

Referências bibliográficas

597

Periódicos • 618

Fontes Audiovisuais • 620

Lista de Ilustrações • 622

Sobre os Autores • 627

apresentação

REPORTAGEM EM PAUTA E REPÓRTERES EM TELA

Outubro de 2021, por quase dois anos a sociabilidade no Brasil tem sido exercitada entre telas, em um país que há muito se reconhece por meio da televisão. Ainda hoje essa é a tela por meio da qual a maior parte da população brasileira se informa sobre o que acontece no país e no mundo. Em um país de dimensões, e desigualdades continentais, a centralidade da TV e do telejornalismo como mídia, mantêm-se a despeito do surgimento de novos circuitos comunicacionais, de natureza digital que, embora se apresentem na superfície como mais descentralizados e inclusivos, indefinem fronteiras quanto à autoria, processamento e destino final de mensagens em vídeo, confiabilidade. Nessa perspectiva o telejornalismo, como lugar de referência e de conhecimento cotidiano, tem sido entendido em uma dimensão ampliada como jornalismo para telas (EMERIM; FINGER; CAVENAGHI, 2015).

Se as telas têm sido dispositivo para produção e acesso à informação jornalística, ou que se apresenta como notícia por meio da mimetização de procedimentos e marcas narrativas, é porque nesses suportes temos acesso às reportagens que narram o país e o mundo a partir da atuação de repórteres. Por isso, é por meio da presença do Repórter na TV que Bruno Chiarioni e Igor Sacramento tecem em seu livro uma história dos programas de grande reportagem no Brasil. Organizada em treze capítulos a obra envolve um trabalho minucioso de pesquisa que associa reflexão teórica densa à investigação documental em acervos impressos, digitais e em vídeo, além de entrevistas com repórteres que integram nosso imaginário televisivo. Afinal, como argumentam os autores, o repórter por “estar perto do acontecimento para poder falar sobre ele estabelece o que chamamos de eixo de mediação” (p. 7).

Nas páginas do livro a atuação dos repórteres na televisão vai sendo investigada a partir de emissoras e programas nos quais sua produção se materializou, e por meio dela tornou possível um dado conhecimento sobre temas, locais, personagens...a

verdade nas/ das telas. Assim, ainda que o texto reconheça que há em curso uma crise de identidade sobre o lugar do repórter na reportagem, e nos programas de grandes reportagens que são a espinha dorsal do livro, a presença do jornalista em frente às câmeras, na cena de acontecimentos, atua segundo os autores como índice de realidade.

Como mostram informações, memórias e reflexões reunidas nessa obra, se o repórter na tela da TV desempenha o papel de anfitrião nas gravações audiovisuais, atuando de forma performativa, algumas vezes em busca de um efeito empático junto à audiência, a voz do jornalista está sob controle de uma economia institucional de regulação. Face menos visível, e discutida das produções midiáticas, tal instância tem impactos importantes em toda a cadeia comunicativa, envolvendo as dimensões de seleção, realização, exibição, além, é claro do próprio modelo de financiamento e oferta audiovisuais, seja em TV aberta, fechada ou em streaming.

Nesse sentido, é importante o reconhecimento de que não apenas o acesso à história é feito por vestígios, efeitos-signo como defendem os autores, mas também a própria presença do repórter na TV constitui um vestígio das grandes reportagens, e da história dos programas em que esses profissionais atuaram. É por meio da atuação de repórteres como Amaral Netto, Glória Maria, Goulart de Andrade, Lucas Mendes, Edney Silvestre, Francisco José, Ernesto Varela, Neide Duarte, Caco Barcellos, Roberto Cabrini, Renato Machado, Fernando Gabeira, entre outros, que os autores buscam compreender de que maneira no decorrer do tempo são (e)ditadas as estratégias discursivas dos programas de grande reportagem, percebendo eventuais tendências e marcas de aperfeiçoamento e/ou de transformação, à medida que a sociedade brasileira e sua relação com a mídia também se desenvolvia.

Como propõe Marialva Barbosa (2012), uma das referências teóricas importantes no livro, “o passado só se deixa ver sob a forma de processos comunicacionais duradouros”. Presentes em arquivos videográficos, na crítica jornalística impressa, nos discursos tecidos em entrevistas, mas sobretudo em nossa memória audiovisual e afetiva, as reportagens televisivas dão a ver um mundo, e se constituem em experiência também de pertencimento. Por meio das telas, e nelas da atuação de repórteres, somos parte de textos e contextos narrados e que por meio de uma pesquisa minuciosa os autores buscam interpretar.

No telejornalismo brasileiro, informações e conhecimentos são tecidos por meio de uma dramaturgia característica, em que repórteres assumem com frequência um tom testemunhal, como recomenda o manual da emissora há muito líder de audiência, ou outras escalas apontadas como típicas como Campbell, entre elas

turista e detetive. Nas telas eles servem de inspiração para uma “repórter-mirim de mentirinha”, como resgata o texto, lembrando episódio em que a repórter Glória Maria interage com uma fã, mas também agem em alguns casos de forma politicamente interessada, e pouco transparente, como registram Chiarioni e Sacramento.

Por meio da atuação de repórteres é possível acompanhar nas páginas do livro a própria constituição da grande reportagem televisiva no Brasil, aquela capaz de apresentar temáticas complexas, situações e ambientes curiosos, investigar aspectos pouco conhecidos da realidade e representá-los de forma acessível em um país marcado pela oralidade, ainda que na mediação da tela televisiva. A obra ainda resgata a trajetória de personagens importantes para o desenvolvimento desse gênero audiovisual, sua tecnicidade e ritualidade, e desvela tensionamentos do circuito cultural televisivo, atravessado pela economia, pela tecnologia, pela linguagem, entre outros aspectos.

Por meio da atuação de repórteres, do resgate de uma história dos programas de grande reportagem é possível testemunhar momentos de censura e/ou dependência militar, de investigação, de banalização do grotesco, de sensibilidade. Nas telas os autores salientam a presença dos repórteres e equipes como testemunhas dos acontecimentos, suscitando uma relação de copresença. A noção de testemunho, aliás, é assumida como base conceitual da investigação na obra, enquanto a fidelidade das testemunhas garantiria a integridade jornalística, e televisiva. Ao acompanhar pelas páginas as atuações de repórteres que como testemunhas autorizadas tecem uma história possível dos programas de grande reportagem, e com eles de nossa memória, somos pela leitura da obra também convertidos em testemunhas. Por meio da importante obra de Bruno Chiarioni e Igor Sacramento, testemunhamos a busca de repórteres, seus erros e acertos, por meio do jornalismo audiovisual, para telas, levar esclarecimento aos cidadãos, e assim reduzir desigualdades. E essa história ainda está em curso, tensionada na contemporaneidade por novas ameaças a que temos acesso no Brasil também por meio das reportagens televisivas e da atuação de repórteres.

Iluska Coutinho

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. O presente e o passado como processo comunicacional. **Matrizes**, v.5, n.1, pp.145-155, 2012.

EMERIM, Cárilda; FINGER, Cristiane; CAVENAGHI, Beatriz. Metodologias de pesquisa em telejornalismo. In: **Anais do 13º SBPJor**. Disponível em <http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/view/4593/1100>; acessado em 02 de novembro de 2021.

